

O ELO FORTE DA CORRENTE: A IMIGRAÇÃO PORTUGUESA E O CATOLICISMO NA BAIXADA FLUMINENSE, 1950–1959

Kátia Luciene de Oliveira Santana¹
Rodrigo Gomes da Costa²

RESUMO

Focado no período das décadas de 1950-1960, este artigo analisa a vida e a religiosidade dos imigrantes portugueses na região da Baixada Fluminense, no Estado do Rio de Janeiro, Brasil. Explanando o contexto histórico que mostra as razões para a vinda de tantas pessoas para cá e o cotidiano destes ao estabelecerem-se aqui, este trabalho, construído por meio de fontes orais, busca abordar as privações e, posteriormente, a trajetória destes imigrantes, as formas de preservar suas raízes e, principalmente, como a religião foi o elo importante em tudo.

Palavras-chave: imigração; portugueses; Baixada Fluminense; Catolicismo.

ABSTRACT

This article focuses on the 1950's and analyses the lives and the religiosity of the Portuguese immigrants in Baixada Fluminense, Rio de Janeiro, Brazil. It presents the historical background which explains why many immigrants came to Baixada Fluminense and how their daily lives were. The aim of this paper, supplemented by oral sources, is to discuss the deprivations and the trajectories of these immigrants, as well as the ways they used to preserve their roots and how religion was the most important connector between them.

Keywords: immigration; Portuguese; Baixada Fluminense; Catholicism.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em História da UNIABEU - Centro Universitário. Membro do Laboratório Multidisciplinar de Estudos de Memória e Identidade/UNIABEU-FAPERJ. Bolsista da CAPES atuando no PIBID-UNIABEU.

² Graduando do Curso de Licenciatura em História da UNIABEU - Centro Universitário. Membro do Laboratório Multidisciplinar de Estudos de Memória e Identidade/UNIABEU-FAPERJ.

“Mande notícias do mundo de lá’ diz quem fica (...) Todos os dias é um vai-e-vem, a vida se repete na estação, tem gente que chega pra ficar, tem gente que vai pra nunca mais, (...) tem gente a sorrir e a chorar... E assim, chegar e partir, são só dois lados da mesma viagem...”³

Eu amo tudo o que foi, tudo o que já não é, a dor que já não me dói, a antiga e errônea fé. O ontem que a dor deixou, o que deixou alegria só porque foi, e voou e hoje, é já outro dia.

(PESSOA, Fernando)

As palavras da canção transcritas na epígrafe que abre este artigo, interpretada pela cantora brasileira Maria Rita, e o poema do grande poeta português Fernando Pessoa, ilustram perfeitamente os sentimentos e pensamentos daqueles que deixam sua terra, a terra dos seus pais e, quem sabe, tentar a sorte em um local novo e desconhecido. Os barcos que atravessaram o Atlântico traziam os imigrantes com suas malas que continham não apenas seus simples utensílios e singelas lembranças, mas, além de tudo, grandes medidas de angústias e esperanças. O intenso fluxo e o encontro de interesses mútuos fizeram com que a imigração entre Portugal e o Brasil marcassem profundamente a história dessas duas nações irmãs, que, como toda família que se preza, tem seus momentos repletos de afeições e amores, mas também passam por tempestuosas desavenças.

³ NASCIMENTO, Milton; BRANT, Fernando. *Encontros e Despedidas*. Intérprete: Maria Rita. NY: Warner Music. 1 CD. 2003.

No final do século XIX e início do XX, os ventos da modernidade que por aqui assopravam traziam consigo cada vez mais os conceitos de civilização e progresso (NEVES, 2003, pp. 15, 19). Do lado de cá do oceano, éramos um jovem país empenhado em construir uma identidade nacional, no entanto, durante esse processo, as outras nações começaram da mesma forma a desenvolver seu conceito sobre nós. Durante o período dos Oitocentos, chegavam inúmeros intelectuais e estudiosos focados na coleta de amostras de animais e plantas para serem objetos de estudo nas mais variadas partes do mundo. Por aqui passaram Charles Darwin, Jean Debret e muitos outros que ajudaram a formular uma visão sobre o Brasil (OLIVEIRA, 2011, p. 7).

Os relatos destes viajantes demonstram um misto de deslumbre e assombro com o que presenciavam ao desembarcar aqui. Seguindo a sua visão europeia, o Rio de Janeiro refletia os aspectos da civilização e avanço do Velho Continente, no entanto, os negros, mulatos e operários, todos considerados inferiores, acabavam por manchar e ferir os costumes delicados. A miscigenação, que passa a ser vista como uma característica própria do povo brasileiro, transforma-se em um desafio científico para a época. Influenciados pelo pensamento internacional, nossos intelectuais buscavam formas de produzir aqui uma população branca que levaria o país ao tão sonhado progresso, e “a hegemonia desse processo obviamente caberia ao português branco, latino, católico. (...) o imigrante, além de vir preencher uma demanda de braços para o trabalho, teria o papel de contribuir para o branqueamento da população” (OLIVEIRA, 2011, p. 10).

Do lado de lá do oceano temos uma velha Europa sacudida por revoluções e mudanças. Até a eclosão da Primeira Guerra Mundial, em 1914, o continente europeu era majoritariamente agrário, mantendo-se esta atividade à frente da manufatura de bens de consumo, do pequeno comércio e indústria e, em todos os países, a terra ainda era a forma fundamental de riqueza. Notoriamente, com o passar do tempo e o desenvolvimento da indústria, a agricultura perdeu espaço para o lado industrial, mas, mesmo assim, a propriedade agrária ainda era de importância fundamental sendo o principal setor das economias europeias:

O continente europeu era uma sociedade de senhores rurais e camponeses (...) a grande propriedade fundiária consistia a principal fonte não só das extravagantes rendas e riquezas das elites

agrárias, como também de desmedido prestígio social, predomínio cultural e influência política (...) *o pequeno campesinato se via desamparado* (MAYER, 1987, p. 33) [grifo nosso].

Apesar da grande importância da terra nesse período, a distribuição desta entre as pessoas não era equilibrada. Por exemplo, por volta da segunda metade do século XIX, cerca de 4 mil pessoas controlavam 50% das terras do Reino Unido, nas regiões centro-oeste e sul da Alemanha 50% eram arrendadas, e na Rússia 10% da nobreza controlava 75% das terras, assim, o esmagador contingente do campesinato era excluído dessa partilha. De modo geral, grande parte da população fixava-se na agricultura, porém, a maioria não possuía seus lotes e muitos recebiam “meros retalhos de terra (...) beiravam a pobreza”, outros arrendavam um lote a altíssimo preço, onde um “pedaço de terra vale agora tanto quanto antigamente uma légua” valia, ainda assim, isso não os impedia de serem explorados pelos grandes proprietários (MAYER, 1983, pp. 33-39; CASTRO, 1996, p. 21).

Os anos entre 1873-1896 foram marcados por grandes deflações nos principais setores agrários. O aumento de impostos, a entrada em massa de cereais e carnes mais baratas de outros lugares fizeram com que os preços caíssem, eliminando a concorrência do pequeno agricultor, levando-o ao endividamento e a falência que acabavam forçando o pequeno proprietário a vender as terras que possuíam (MAYER, 1983, p. 41; ALVIM, 1998, p. 219). Em contrapartida, esse mesmo período conhece o crescimento acelerado das cidades. Com o processo da Revolução Industrial ganhando maior forma e força, as indústrias das cidades requeriam mais trabalhadores, indo, desta maneira, de encontro ao que estava acontecendo nos campos com a expulsão dos camponeses, tanto no sentido literal, com a tomada das terras dos pequenos produtores pelos grandes proprietários, quanto no sentido figurado do êxodo rural, onde aqueles que se desfizeram de seus lotes veem-se obrigados a buscar maneiras de sobrevivência nas cidades (MARTINHO, 2006, p. 185; ALVIM, 1998, p. 223).

Este último fator, somado ao aumento demográfico nunca antes registrado na Europa, fizeram com que o quantitativo de pessoas fosse maior do que a indústria conseguia absorver, formando, portanto uma tropa de desempregados e desocupados, que assolados pela miséria e pela fome poderiam suscitar inúmeras e poderosas revoltas populares, então,

Imigrar foi a solução ideal encontrada, uma vez que esse panorama geral harmonizavam-se perfeitamente com as necessidades dos novos países – Estados Unidos, Argentina e Brasil – que por motivos variados iniciaram um grande movimento de atração de imigrantes para as suas terras. (ALVIM, 1998, pp. 219-220)

Nesse contexto de idas e vindas, a história dos imigrantes lusitanos e a Baixada Fluminense acabam por cruzar-se. A desocupação de cortiços e casas de cômodos na cidade do Rio de Janeiro, promovidas pelas reformas urbanísticas do prefeito Pereira Passos, ainda nos primeiros anos do século XX, paulatinamente leva a população mais pobre a ocupar as áreas periféricas da cidade (OLIVEIRA, 2001, p. 29)

Fatores internacionais, como a guerra, e internos, como as pragas nas lavouras de laranja, principal produto de exportação da Baixada, trouxeram rápida deterioração às terras produtoras, que levaram a uma queda no comércio local e na qualidade de vida da população. Os investidores retiram-se da região e voltam-se para as áreas urbanas e industriais. As cidades em volta da capital começam a ser reconhecidas como cidades dormitório. Porém, as décadas de 1950/1960 marcam a vinda de grande contingente populacional para esta região, entre eles, os imigrantes portugueses que trabalhavam no Rio e moravam no entorno (SOUZA, 1992).

Para quem sonhava em ter seu pedaço de chão, os loteamentos, tão comuns neste período, era a alternativa para quem tinha algum dinheiro. Claro que ocupações clandestinas, invasões, fizeram parte do dia a dia. Onde anos antes havia a maior produção de laranjas do mundo, via-se agora nascer um grande núcleo populacional. A base documental deste trabalho é entrevistas realizadas com aqueles que chegaram naquela época e seus descendentes. Com o intuito de impedir a identificação, os nomes adotados são fictícios.

Filha de pai português, uma entrevistada relata que o avô chegou em 1952, dois anos e meio antes da família, para tentar uma vida melhor. Seu pai, três tios e avó vieram depois, quando seu avô já havia conseguido comprar um lote em Vila Norma, em São João de Meriti:

Lembro que o dono do botequim, seu Manoel, onde a gente comprava café, onde meu pai se reunia pra beber, era português. Eu era amiga da filha dele, Fátima. (...) Quando nasci, meus avós e meus tios tinham casas de aluguel ali mesmo. (SOUZA, ML. O Elo Forte da Corrente, 24/07/2015. Entrevista concedida a Kátia Santana e Rodrigo Gomes)

A ideia de prosperar através da materialização do trabalho, segundo os relatos, tomava forma com a aquisição de loteamentos, por parte destes imigrantes, que juntavam cada centavo com a intenção de adquirir terrenos comprados a preços mais baixos na região da Baixada Fluminense, para especulação imobiliária ou mesmo para exploração comercial, tendo em vista a demanda crescente na região por comércio de gêneros de primeira necessidade. “Hoje as coisas estão bem melhores”, diz Dona Edna, ao fazer referência das dificuldades no transporte, nas ruas sem saneamento, no comércio precário da região.

Foi muita luta. (...) No dia 11 de novembro de 1952 embarquei no cais de Alcântara – Lisboa, no velho navio Lavoisier, com destino ao Rio de Janeiro, levando comigo algumas roupas que minha mãezinha colocou na mala, uma caixa de ferramenta de pedreiro que tinha usado em Portugal, e a obrigação de pagar a dívida que minha mãe contraiu para minha passagem. Era isso, ou servir no exército ao completar 18 anos durante quatro anos, nas colônias africanas, nas guerras de independência (HORTEGA, A. O elo forte da corrente, 02/08/ 2015. Entrevista concedida a Kátia Santana).

Esta foi a observação do Sr. Augusto, comerciante e empresário bem sucedido na região de Mesquita e Nova Iguaçu, dono de imóveis e apartamentos de aluguéis, padarias, referindo-se aos seus primeiros anos aqui no Brasil. Sua vinda para cá, não é muito diferente dos demais “patrícios” que aqui chegaram, de acordo com os relatos: “em busca de emprego e melhores condições de vida”. Com uma dose extra de coragem e muita fé no coração, arriscavam-se em embarcações precárias, contando muitas vezes com a receptividade de parentes e amigos que vieram antes, a partir do discurso de aqui era uma terra de oportunidades.

OS COSTUMES E A RELIGIÃO COMO FORMAS DE VIVER E SOBREVIVER

Ainda que variadas partes tentassem reorganizar o homem e seu cotidiano, esses encontraram a resistência das pessoas a mudanças tão díspares de sua cultura. Desta feita, “os costumes mostraram-se mais fortes do que a lei” (PERROT, 2009, p. 79). Não admitindo intromissões na sua maneira de viver, elas buscavam preservar as tradições e costumes adquiridos dos seus antepassados e passados de pais para filhos

por gerações. As pressões exercidas pelos poderes públicos muitas vezes ocasionaram diversas reações violentas em oposição (ALVIM, 1998, pp. 227-228).

O fim do Império e início da República no Brasil foram marcados pela abolição da escravidão e a expansão da cafeicultura, por isso era uma situação emergencial a substituição da mão de obra escrava, sendo, desta maneira, o trabalhador imigrante uma saída para o problema. Para vencer a concorrência de países como Argentina, Cuba, EUA e México como destino imigratório, o governo brasileiro utilizou-se largamente da propaganda para retratar o Brasil como o Jardim das Delícias, a Terra da Promessa, o que acabava por ser “comprovado” pelo ouro reluzente nas igrejas e nos palacetes que os que haviam conseguido enriquecer aqui mandavam construir por lá, acabando, assim, por seduzir aqueles que se aventurassem em buscar uma vida melhor (CASTRO, 1996, p. 28; SCHWARCZ, 2010, p. 35). Seguindo inicialmente para os campos e posteriormente para as cidades, no seu dia a dia eles procuraram reparar o seu mundo deixado para trás e o reerguer agora no Novo Mundo. Nisso coube à religião e aos costumes um papel fundamental.

Para compreendermos a profundidade e a importância da religião nesse contexto, cabem aqui algumas palavras do campo da psicologia para auxiliar-nos. Bertolucci traça um panorama sobre o que ela denomina de “vazio existencial”, que é caracterizado pela quebra da “redoma conceitual na qual a pessoa se refugiava”. Essa sensação de perda na vida, tendo muitas vezes o seu estopim na rejeição, na exploração, acabava por desencadear essa sensação de incompletude, fazendo aflorar sentimentos como frustração pelos ideais não atingidos e pressão constante, criando no indivíduo a necessidade de buscar uma solidez em que pudesse apoiar-se (BERTOLUCCI, 1991, pp. 61-64, 74-78).

Ao projetarmos tais conceitos sobre as situações sofridas pelos imigrantes portugueses, muitas foram as perdas destes ao virem para o Brasil: desde conviverem com uma Europa arrasada pela guerra, passando pelo desprezo de seus governantes e a perda dos bens, ao chegarem aqui, verem seus sonhos e esperanças desvanecerem diante da exploração dos fazendeiros e patrões das indústrias e comércio, perseguidos pela miséria e sem contar com o apoio do governo brasileiro, tais pessoas puderam encontrar na religião o tão desejado “bote salva-vidas” diante do tempestuoso “mar” de incerteza e insegurança. Segundo Santayana, a religião tem o poder de dar direção

a inúmeros aspectos da vida (SANTAYANA, 1982, p. 3, 4), por isso, acreditamos que, diante de todas as dificuldades encontradas, o viver religioso (tanto no sentido sagrado, como no sentido cultural) podia *tornar-se o elo* entre o grupo em si e comunidade e sua terra natal (preservando, mesmo que em parte, as suas raízes) e, como abordado por Geertz, *prover uma válvula de escape* diante das pressões e sofrimento enfrentados (GEERTZ, 2008, p. 76).

Era de grande preocupação a manutenção do seu viver religioso entre os portugueses. Dubuisson mostra que cabe à religiosidade um papel unificador, pois “la religion tend à valoriser ce lien qui relie (religere) l'homme à Dieu (...).”⁴ (DUBUISSON, 1998, p.44). Ligar, unir, conectar, verbos que exprimem a primordialidade da ação tomada pelos lusitanos aqui residentes. Afinal, no cotidiano, a força da situação muitas vezes os impedia de seguir rigorosamente as suas tradições, conforme relatado pelo Sr. Augusto Hortega, onde em vez de comerem as comidas típicas da sua terra natal, como peixes, crustáceos e outros frutos do mar, a necessidade fazia com que se adaptassem e, como ele diz, “comíamos o que aparecia”, mas a sua religião não era algo negociável, a tal ponto que o um dos seus maiores receios estava na profissão de fé de sua esposa. Silva narrou: “Quando eu rezava, pedia só uma coisa a Deus: que ela fosse católica”. Quando questionado o porquê, ele explica que isso seria o laço que os uniria e dessa forma poderiam transmitir um pensamento uno aos filhos.

No entanto, com o passar do tempo, o nascimento dos filhos e a formação de famílias luso-brasileiras, alguns costumes foram modificando-se. Dentre as tradições, boa parte delas ligadas ao catolicismo, como batismo, casamentos, observância das festas santas, o luto é apontado como a característica que menos se manteve aqui no Brasil. O luto perpétuo, guardado pelas esposas até o fim da vida (a menos que se cassasse de novo), sob vestimentas pretas e véus, foi sendo transformado, apesar da resistência dos mais antigos. “Ainda guardamos o luto, mas de forma diferente. O luto ainda é guardado, ele existe, porém menos rigoroso (...). Além dos vestidos, as mulheres ainda colocavam um véu preto na cabeça. Aqui não é mais assim” (HORTEGA, A. O elo forte da correte, 02/08/ 2015. Entrevista concedida a Kátia Santana).

⁴ “a religião tende a valorizar esse elo que conecta (religere) o homem a Deus (...).” – Tradução Livre.

As paróquias eram também um ponto de encontro social, e a Igreja da Matriz em São João de Meriti é citada como referência, bem como a paróquia de Nossa Senhora da Conceição em Nilópolis. As reuniões nas paróquias não significavam apenas uma busca espiritual, mas também uma forma de encontro com seus compatriotas e ter um convívio social com seus iguais, além disso, as festas organizadas eram formas de manutenção de alguns costumes, como expressado pela Sra. Mara ao lembrar-se de sua infância: “Quando eu era pequena, lembro-me de fazer parte do Coração de Maria e que a missa de domingo era o dia de encontrar a 'portuguesaiada' toda na Igreja. Achava isso normal.”(SOUZA, ML). Outrossim, com objetivo de preservar sua cultura, já no século XIX, fez-se surgir clubes e sociedades de assistência, como o Real Gabinete Português de Leitura, Beneficência Portuguesa, Caixa de Socorro de D. Pedro V e o Liceu Operário Português. (OLIVEIRA, 2001, p. 32) Esse comportamento, tão peculiar a vários outros grupos de estrangeiros, como estratégia de autoajuda em terras distantes, hoje é percebido nas parcerias comerciais, nos casamentos que ainda acontecem entre famílias amigas.

Obviamente, conflitos ocorreram entre os que se mudavam para cá e a população nativa. Muitos brasileiros sentiram-se ameaçados nas frentes de trabalho ou desfavorecidos nas relações comerciais, acusando então os portugueses de cobrar altas taxas nos aluguéis de imóveis, sovinas, de trapacear no peso dos produtos no comércio. Contudo, apesar das contendas iniciais, acreditamos que o catolicismo, por fim, auxiliou a integração dos portugueses à sociedade brasileira. Tendo sido colonizado por Portugal, o Brasil sempre teve sua história entrelaçada com a Igreja. No período de 1950, segundo dados do IBGE, cerca de 93,5% da população do Brasil declaravam o Catolicismo Romano como sua profissão de fé. Desta forma, as festas litúrgicas, os feriados em dias santificados e outros rituais puderam ser mantidos e acabaram por aproximar portugueses e brasileiros. Dona Edna descreve assim esse tipo de relação: “Como o Brasil foi colonizado por portugueses nada disto foi problema; todas estas questões eram muito semelhantes, não interferindo (...) foi naturalmente uma integração total, uma perfeita miscigenação” (GOMES, E. M. O elo forte da corrente. 03/08/2015. Entrevista concedida a Kátia Santana). Até mesmo algumas particularidades características do catolicismo praticado no Brasil, que de

início causaram um certo estranhamento, foram bem absorvidos com o passar do tempo.

A vida dos imigrantes portugueses que conseguiram prosperar na Baixada Fluminense nem sempre foi traduzida em sucesso, e novamente a religiosidade pôde prover um auxílio para conviverem com os sofrimentos enfrentados. Para Geertz, a religiosidade provê às pessoas formas que as ensinam a “não evitar o sofrimento, mas como sofrer, como fazer da dor física, da perda pessoal (...) algo tolerável, suportável – sofrível (...)”, assim os homens teriam nascidos para lutar, e a religião os colocaria cara a cara com os confrontos da vida (GEERTZ, 2008, p. 76). Essa forma de pensar é corroborada pelo Sr. Leonardo, ao abordar essa temática, ao contar seu início no Brasil, quando seu pai viveu anos em empregos informais e com a vida sofrida: “A fé em Deus nos manteve”.

Arriscar-se a mudar para um novo país era consolado pela crença na direção e amparo divinos. O Sr. Leonardo Almeida nos conta sobre sua mudança: “Colocamos Deus na frente de tudo. Entregamos nossa vida a Ele e atravessamos o oceano num barco velho. Quando a espera parecia não ter fim, minha mãe se agarrava ao terço. ‘(...) Deus proverá!’” (ALMEIDA, L. P. O elo forte da corrente. 23/08/2015. Entrevista concedida a Kátia Santana e Rodrigo Gomes). Prova disso são as inúmeras imagens trazidas para a proteção, tanto durante a viagem como na chegada ao novo lar. À religião, dessa forma, cabia a função de “fornecer orientação a um organismo que não pode viver num mundo que ele é incapaz de compreender” (GEERTZ, 2008, p. 102).

Durante as entrevistas, apesar das diferentes faixas etárias, considerando que alguns registros eram de memória dos relatos passados pelos pais, avós, tios dos entrevistados; outros que vieram do próprio imigrante, pessoas que mesmo de famílias diferentes e das mais diversas regiões de Portugal, relataram uma história fortemente ligada ao catolicismo, em especial à devoção a Nossa Senhora de Fátima.

Alguns relatos bastante emocionados, onde o discurso da fé em Deus e na Virgem, como fator de resistência diante das mais diversas dificuldades enfrentadas – moradia, alimentação, trabalhos informais –, nos levam a observar o peso que a religiosidade desempenhou na vida destes homens e mulheres, dispostos a vencer na vida através do trabalho, coisa pontuada por praticamente todos os entrevistados.

Alguns não permitiram gravação, apesar da receptividade com a qual fomos recebidos; outros fizeram questão de preencher o próprio questionário.

Para Hall, identidade cultural se dá a partir da pertença a um grupo, uma classe, um Estado-nação, que a cultura nacional, os símbolos, contribuem para costurar as diferenças numa única identidade. Ainda que a língua e a História entre brasileiros e portugueses apareçam como um facilitador no processo de adaptação destes estrangeiros, o desejo de viver em conjunto aparece nos depoimentos. Um rico legado de memória, ou mesmo uma vontade de perpetuar os costumes, a herança que recebeu, para além de simples estratégia de sobrevivência. Ao responder a pergunta se desejam voltar para Portugal, a maioria responde que não. Alguns retornaram muitos anos depois apenas a passeio e para visitar os parentes. Observam que são recebidos como brasileiros por seus patrícios (HALL, 2006).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Memória é a capacidade humana de reter fatos e experiências do passado e retransmiti-los às novas gerações através de diferentes suportes empíricos (voz, música, imagem, textos, etc.). Existe uma memória individual que é aquela guardada por um indivíduo e se refere às suas próprias vivências e experiências, mas que contém também aspectos da memória do grupo social onde ele se formou, isto é, onde esse indivíduo foi socializado (Von Simon, 2007).

Em nosso cotidiano, recebemos enxurradas de informações que acabam por forçar-nos a selecionar o que deva ser preservado. No entanto, muitas lembranças ficam latentes até que algo ou alguém as façam aflorar do seu estado silencioso (Von Simon, 2007). Memória e identidade caminham lado a lado. As memórias encontram-se impregnadas das formas de ver e pensar da sociedade e do período em que foram produzidas, mostrando inúmeras vezes as suas lutas pela vida e sobrevivência. (Le Goff, 1990, p. 476) Gwyn Prins, aborda o tema à luz da Nova História, discutindo com autores que viam na chancela do documento a única forma confiável de se produzir fontes históricas. Ideias, muito fundamentadas no século XIX, onde o progresso das sociedades mais “evoluídas” estava diretamente ligado ao letramento, à escrita. “O

homem se parece mais com seu tempo que com seus pais” (ditado árabe). O historiador do século XIX/início do XX, era um homem do seu tempo. (PRINS, 1992)

Como já foi dito anteriormente, a base da presente pesquisa é a História Oral, a partir das entrevistas e respostas aos questionários. Partindo desta premissa, foi possível observar que, para além das respostas dadas pelos entrevistados, objetos materiais pertencentes aos símbolos da cultura portuguesa estavam presentes nos ambientes da vida íntima de cada um. A presença da religiosidade *salta aos olhos*: símbolos católicos (crucifixos, imagem de Nossa Senhora de Fátima, terços) aparecem nas residências e escritório dos entrevistados, mas também as hortas domésticas que encontramos em todas as casas que ainda mantém algum espaço de quintal, ou ainda em vasilhos de plantas, como couve, alface, tomate, temperos etc., nos terraços dos sobrados, e, até mesmo, em apartamentos. Os entrevistados fizeram questão de mostrar suas hortas, provando, assim, a presença da memória de uma prática que alguns cultivam desde os tempos de Portugal, outros porque simplesmente herdaram o costume dos pais e/ou avós.

A Nova História abre perspectivas de acesso às fontes, e de interpretação (e reinterpretação) dos documentos. Importa-nos o que é dito, também o que é deliberadamente omitido, ou mesmo aquilo que fica sugerido. Cabe ao historiador investigar. De fato, a História Oral não é das tarefas mais fáceis. Algumas entrevistas foram remarcadas mais de uma vez, algumas respostas dadas de forma vaga. Os questionários apontam para fixação desses estrangeiros nas regiões de São João de Meriti, Mesquita (ainda Nova Iguaçu), Caxias e Nilópolis. Vindos de várias regiões de Portugal, como: Conselho de Murtosa (Distrito de Aveiro); Valongo (Porto); Fao (Lisboa). Foram entrevistadas pessoas entre 40 e 94 anos, portugueses natos e/ou descendentes diretos, no caso filhos. Algumas memórias de imigrantes estão ligadas a perdas materiais, afetivas, emocionais. Deixaram para trás familiares, amigos, amores da juventude, costumes, a casa de seus pais, a “*terrinha*”, como os mais antigos se referiram a Portugal.

A História dos imigrantes portugueses na segunda metade do século XX, ambientada nas décadas de 1950, é parte da História dos excluídos, daqueles que vieram para o outro continente em busca de oportunidade, mas sem garantias de sucesso, munidos apenas de esperança, vontade de trabalhar e fé. Não acessamos

grandes fortunas, empreendedores financeiros, uma elite em busca de novos mercados, mas, sim, pessoas simples, que diante de situações tão adversas em seu país, e não por outro motivo, atravessaram o Atlântico, e aqui chegaram. Reconstruíram suas vidas, sofreram, alguns prosperaram outros não, e ajudaram a construir a História recente da região.

Com certeza, não esgotamos o assunto, muito menos as fontes. O objetivo deste artigo não é mostrar-se conclusivo para com tema, pelo contrário, diante do que foi abordado, das entrevistas obtidas, material impresso recolhido etc., esperamos abrir portas para mais pesquisas. Em meio à produção deste trabalho, encontramos mais incógnitas que acreditamos merecer atenção, como a Igreja da Matriz de São João e sua importância nesse período, o colégio Santa Maria, que era o local de estudo dos filhos dos portugueses que prosperaram, assim como o comércio de antigos botequins e armazéns localizados no centro comercial do município de São João de Meriti, que foi, em grande parte, inaugurado nas décadas de 1950 e 1960, e que existe até hoje. Pensamos que tais objeções estão profundamente relacionadas à presença e atuação dos portugueses, trazendo, assim, valiosa contribuição à pesquisa quanto à imigração na Baixada Fluminense.

Tabelas

Tabela 1 - Estrangeiros* por sexo segundo a nacionalidade.

Ano	Alemanha		Espanha		Itália		Portugal		Japão		Outra		Total de Estrangeiros	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
1920	29.778	23.092	122.329	96.813	305.023	253.382	291.198	142.379	16.397	11.579	158.233	115.758	922.958	643.003
1940	52.914	44.191	85.444	75.113	172.952	152.353	221.195	136.979	98.437	68.239	162.334	136.417	793.276	613.292
1950	35.527	30.287	69.909	61.699	130.023	112.314	206.304	130.552	70.612	58.580	167.587	140.790	679.962	534.222
1960	26.924	25.237	77.166	66.914	98.283	89.094	247.119	183.928	81.542	67.596	152.885	135.779	683.919	568.548
1970	26.868	24.860	69.871	60.251	82.001	70.800	247.197	190.786	83.879	70.127	161.559	140.929	671.375	557.753
1980	21.420	20.333	52.882	45.633	58.895	49.895	216.724	175.937	75.622	63.858	174.443	155.268	599.986	510.924
1991	12.304	12.025	31.270	26.618	36.201	30.094	140.320	123.290	44.770	40.802	144.294	125.802	463.159	358.631

Fonte: IBGE/Censos Demográficos 1940-1991. *Apud* MELO & MARQUES. 2007.

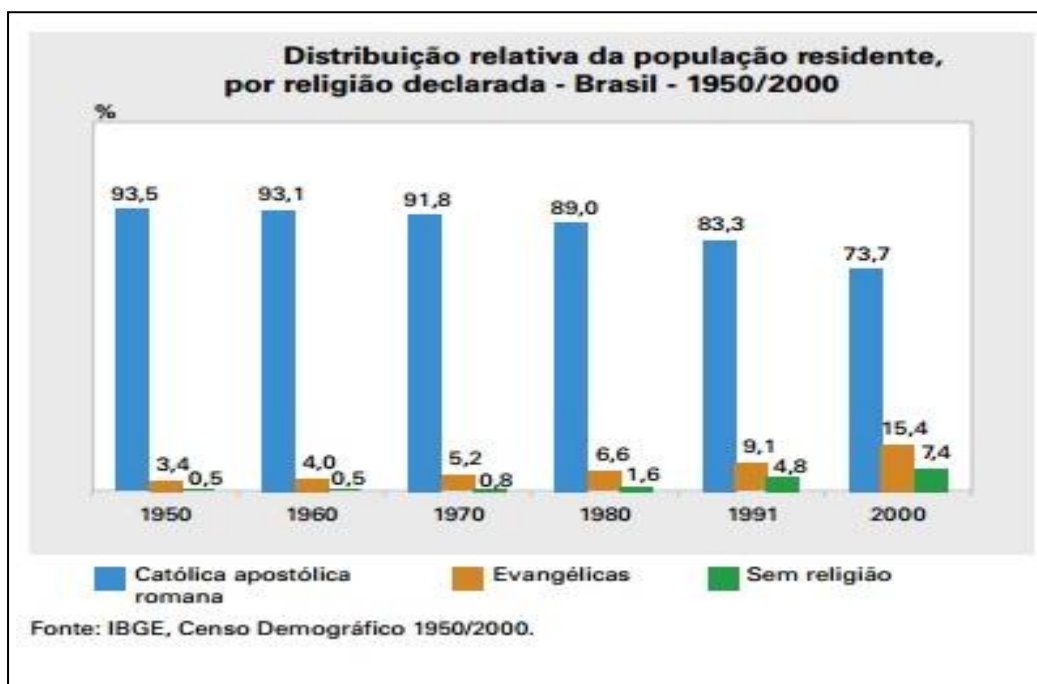
*Incluindo os Estrangeiros Naturalizados.

Tabela 2 - Estrangeiros* por sexo segundo a nacionalidade.

Ano	Alemanha		Espanha		Itália		Portugal		Japão		Outra		Total de Estrangeiros	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
1920	3,2%	3,6%	13,3%	15,1%	33,0%	39,4%	31,6%	22,1%	1,8%	1,8%	17,1%	18,0%	922.958	643.003
1940	6,7%	7,2%	10,8%	12,2%	21,8%	24,8%	27,9%	22,3%	12,4%	11,1%	20,5%	22,2%	793.276	613.292
1950	5,2%	5,7%	10,3%	11,5%	19,1%	21,0%	30,3%	24,4%	10,4%	11,0%	24,6%	26,4%	679.962	534.222
1960	3,9%	4,4%	11,3%	11,8%	14,4%	15,7%	36,1%	32,4%	11,9%	11,9%	22,4%	23,9%	683.919	568.548
1970	4,0%	4,5%	10,4%	10,8%	12,2%	12,7%	36,8%	34,2%	12,5%	12,6%	24,1%	25,3%	671.375	557.753
1980	3,6%	4,0%	8,8%	8,9%	9,8%	9,8%	36,1%	34,4%	12,6%	12,5%	29,1%	30,4%	599.986	510.924
1991	2,7%	3,4%	6,8%	7,4%	7,8%	8,4%	30,3%	34,4%	9,7%	11,4%	31,2%	35,1%	463.159	358.631

Fonte: IBGE/Censos Demográficos 1940-1991. *Apud* MELO & MARQUES. 2007.

*Incluindo os Estrangeiros Naturalizados.



FONTES

Entrevistas

ALMEIDA, L. P.;

ASSIS, C. A. P.;

BARBOSA, J. D.;

GOMES, E. M.;

HORTEGA, A.;

MAGALHÃS, M. F. C.;

OLIVEIRA, A.;

PEREIRA, E. A.;

SOUZA, M. L.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVIM, Zuleika. Imigrante: A Vida Privada dos Pobres do Campo In: SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, vol. 3, 1998.

AZEVEDO, Cristiane A. de. *A Procura do Conceito de Religio: Entre o Relegere e o Religare*. *Religare*7, Março de 2010, pp. 90-96.

BERTOLUCCI, Eliana. **Psicologia do Sagrado – Psicoterapia Transpessoal**. São Paulo: Editora Ágora. 1991.

BRASIL. *Tendências Demográficas no Período de 1950/2000*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em

www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/.../comentarios.pdf, acessado em 14 de agosto de 2015.

CASTRO, Ferreira de. *Emigrantes*. Lisboa: Guimarães & Cia. 1996.

COUTINHO, José Pereira. *Religião e outros conceitos*. Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Vol. XXIV, 2012, pp. 171-193.

DUBUISSON, Daniel. *L'Occident et la religion: Mythes, Science et idéologie*. Bruxelas: Édition Complexe. 1998.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC. 2008.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora. 2006.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: UNICAMP. 1990.

MARTINHO, Francisco Carlos Palomanes. Resistências ao Capitalismo: Plebeus, Operários e Mulheres In: FILHO, Daniel Aarão Reis e FERREIRA, Jorge (Org.). *O Século XX – O tempo das Certezas: da Formação do Capitalismo à Primeira Grande Guerra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, vol. 1, 2006.

MAYER, Arno J. *A Força da Tradição: A Persistência do Antigo Regime (1848-1914)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

MELO, Hildete Pereira de; MARQUES, Teresa Cristina de Novaes. *Imigrantes Portugueses no Brasil a Partir dos Recenseamentos Populacionais do Século XX: um Estudo Exploratório*. UFF/Economia. Março, 2007.

NEVES, Margarida de Souza. Os Cenários da República. O Brasil na virada do século XIX para o século XX In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Org.). *O Brasil Republicano - o Tempo do Liberalismo Excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, vol. 1, 2003.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *O Brasil dos Imigrantes*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2002.

PERROT, Michelle. A Família Triunfante In: PERROT, Michelle (Org.). *História da Vida Privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. Vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras. 2009, 5 vol.

PRIS, Gwyn. História Oral In: BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1990.

SANTAYANA, George. *Life of Reason*. Vol. 3. New York: Dover, 1982.

SCOTT, Anna. *Os Portugueses*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

SCHWARCZ, Lília Moritz. População e Sociedade In: SCHWARTZ, Lília Moritz. *A Abertura Para o Mundo (1889-1930)*. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras. 2010.

SOUZA, Sonali Maria de. *Da laranja ao lote: transformações sociais em Nova Iguaçu*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1992.

VON SIMON, Olga Rodrigues de Moraes. *Memória, Cultura e Poder na Sociedade do Esquecimento*. Revista *Margens Virtual – UFPA*. Ano 1. Número 1. 2007. Disponível em <http://www.ufpa.br/nupe/artigo1.htm>, acessado em 20 de agosto de 2015.

Recebido em 23 de novembro de 2015.

Aceito em 08 de dezembro de 2015.